



# METODOLOGIA CIENTÍFICA TEORIA E APLICAÇÃO NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Afonso Henrique Novaes Menezes

Francisco Ricardo Duarte

Luis Osete Ribeiro Carvalho

Tito Eugênio Santos Souza

AFONSO HENRIQUE NOVAES MENEZES  
FRANCISCO RICARDO DUARTE  
LUIS OSETE RIBEIRO CARVALHO  
TITO EUGÊNIO SANTOS SOUZA

METODOLOGIA CIENTÍFICA  
TEORIA E APLICAÇÃO NA  
EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

PETROLINA - PE  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO  
2019

# COPYRIGHT

Direitos autorais do texto original © 2017 Fundação Universidade Federal do Vale do São Francisco

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº9.610, de 19/02/98.

Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia escrita da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quaisquer forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

---

## FICHA TÉCNICA

Editor Chefe e de arte: Edson Macalini

Criação gráfica e diagramação: Wesley Souza

Revisão: Os autores

Revisão final: Afonso Henrique Novaes Menezes

Pró-Reitora de Extensão: Lucia Marisy Souza Ribeiro de Oliveira

### DACC

Equipe administrativa:

Thiê Gomes dos Santos

Heloisa Helena Mafra

M593

Metodologia científica: teoria e aplicação na educação a distância / CARVALHO, Luis Osete Ribeiro. DUARTE, Francisco Ricardo. MENEZES, Afonso Henrique Novaes. SOUZA Tito Eugênio Santos [et al.]. – Petrolina-PE, 2019.

83 p.: 20 cm. 1 Livro digital.

Vários autores

ISBN: 978-85-60382-91-0

1. Pesquisa - Metodologia. 2. Métodos de estudo. 3. Educação à Distância. I. Título. II. Duarte, Francisco Ricardo. III. Carvalho, Luis Osete Ribeiro. IV. Sousa, Tito Eugênio Santos. V. Menezes, Afonso Henrique Novaes Menezes VI. Universidade Federal do Vale do São Francisco.

CDD 001.42

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas da UNIVASF.

Bibliotecário: Márcio Pataro

## APRESENTAÇÃO

Este livro tem o objetivo de apresentar aspectos teóricos e práticos da pesquisa científica que auxiliem estudantes e profissionais da modalidade de ensino Educação a Distância (EAD) a desenvolver trabalhos de investigação, de acordo com os princípios e procedimentos empregados para a pesquisa e a formulação de uma produção científica.

Nas páginas seguintes, serão descritos os itinerários adotados pelos pesquisadores no desenvolvimento das diversas modalidades de pesquisa científica: bibliográfica, documental, experimental, levantamento, estudo de coorte, estudo de caso, pesquisa-ação e pesquisa participante. Embora focalize aspectos teóricos, a ideia central é encorajar os discentes e docentes a praticarem o fascinante ato de pesquisar.

Assim, esta obra propõe-se a socializar o conhecimento para as diversas áreas do saber, democratizar o acesso às informações científicas e, sobretudo, apresentar os instrumentos e as técnicas para o melhor desempenho e qualidade de um trabalho científico.

Boa leitura!

## AUTORES

### ***Afonso Henrique Novaes Menezes***

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4701416P8>

Graduado em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e Mestre em Teoria da Literatura pela mesma instituição. Leciona no curso de Psicologia na Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf) e é doutorando em Ciências da Linguagem pela Universidade do Porto (UPorto).

### ***Francisco Ricardo Duarte***

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4706332Y1>

Graduado em Administração pela Universidade Estadual de Londrina - UEL e em Filosofia, pela Faculdade Católica de Anápolis. Mestre em Administração (Gestão de Negócios) pela Universidade Estadual de Londrina (2002). Doutor em Difusão do Conhecimento - pela Universidade Federal da Bahia - UFBA (2012). É Professor Adjunto III da Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf) e, desde 2012, vem atuando como Secretário de Educação a Distância nessa

mesma Universidade, onde tem implementado inúmeros cursos de graduação e pós-graduação.

### **Luis Osete Ribeiro Carvalho**

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4262836A7>

Graduado em Comunicação Social - Jornalismo em Multimeios pela Universidade do Estado da Bahia (Uneb) e em Psicologia pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf). Mestre em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos pela Uneb. Jornalista vinculado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano (IF Sertão-PE), onde atua na Assessoria de Comunicação.

### **Tito Eugênio Santos Souza**

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4242790P4>

Graduado em Comunicação Social - Jornalismo em Multimeios pela Universidade do Estado da Bahia (Uneb), Especialista em Ensino Superior, Contemporaneidade e Novas Tecnologias pela Universidade Federal do Vale do

São Francisco (Univasf), Mestre em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e Doutorando em Ciências da Comunicação pela Universidade de Coimbra (Portugal). Jornalista vinculado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano (IF Sertão-PE), onde atua na Assessoria de Comunicação.

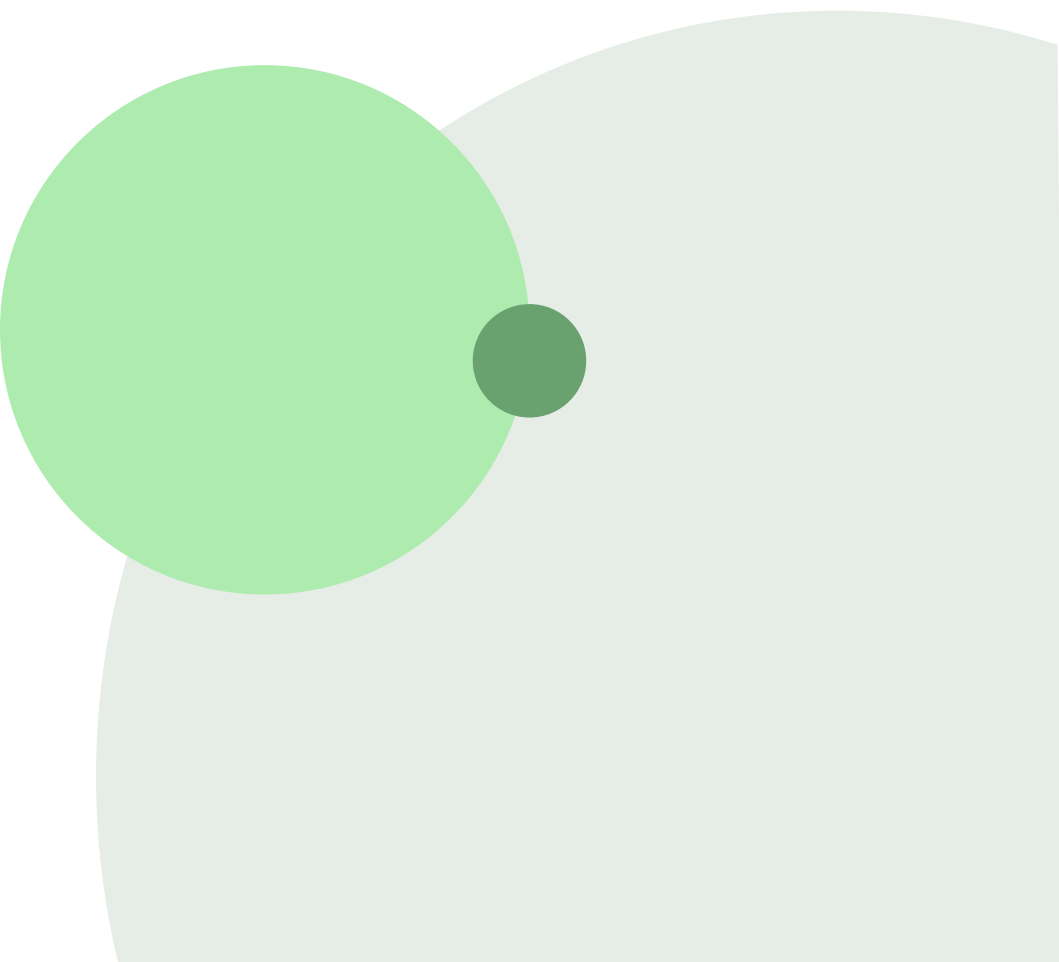
# SUMÁRIO

<b>A PESQUISA CIENTÍFICA</b>	<b>10</b>
1. O que é pesquisa?	11
2. O ato de pesquisar	12
3. O problema de pesquisa	16
4. Variáveis	22
4.1 Variável independente	24
4.2 Variável dependente	24
4.3 Variável controle	24
4.4 Variável interveniente	25
<b>TIPOS DE PESQUISAS</b>	<b>27</b>
5. Tipos de pesquisa	28
5.1 Quanto à natureza	29
5.2 Quanto à temporalidade	30
5.3 Quanto aos objetivos	32
6. Tipos de pesquisa conforme os procedimentos de coleta	36
6.1 Bibliográfica	37
6.2 Documental	38
6.3 Experimental	38
6.4 De levantamento	40
6.5 Estudo de corte	42
6.6 Estudo de caso	44
6.7 Pesquisa-ação	44
6.8 Participante	46



<b>O PROJETO DE PESQUISA</b>	<b>47</b>
7. O projeto de pesquisa	48
7.1 Partes do projeto	49
7.1.1 Objetivos	49
7.1.2 Justificativa	54
7.1.3 Fundamentação teórica (Revisão Bibliográfica ou Revisão de Literatura)	56
7.1.4 A pesquisa na internet	59
7.1.5 Metodologia	61
7.1.6 Cronograma	65
7.1.7 Referências	66
7.2 Partes complementares	67
<b>MODELO DE PROJETO DE PESQUISA</b>	<b>10</b>
8. As regras da estrutura do texto de um projeto de pesquisa	70
8.1 As margens	70
8.2 O tamanho e a cor da fonte	71
8.3 Espaçamento	72
8.4 Paginação e números das seções	72
9. A pesquisa no ensino a distância	75
Referências	82

# A pesquisa científica



## 1. O QUE É PESQUISA?

A pesquisa corresponde a um conjunto de ações que deve seguir uma série de procedimentos previamente definidos através de um método baseado na racionalidade a fim de se encontrarem resultados e respostas a um problema previamente apresentado. Como bem ressalta Gil (2002, p. 17), ela “desenvolve-se ao longo de um processo que envolve inúmeras fases, desde a adequada formulação do problema até a satisfatória apresentação dos resultados”.

Não por acaso, esse autor aponta a existência de duas razões para que uma pesquisa seja realizada: as de ordem intelectual e as de ordem prática. Segundo ele, “as primeiras decorrem do desejo de conhecer pela própria satisfação de conhecer”, enquanto “as últimas decorrem do desejo de conhecer com vistas a fazer algo de maneira mais eficiente ou eficaz” (GIL, 2002, p. 17). Evidentemente, uma razão não anula a outra, de modo que uma pesquisa sobre problemas práticos poderá ocasionar a descoberta de princípios científicos e, por outro lado, uma pesquisa teórica poderá fornecer conhecimentos passíveis de aplicação prática.

## 2. O ATO DE PESQUISAR

Diversos são os motivos que levam à realização de uma pesquisa, desde uma rápida consulta à internet, em busca de uma informação qualquer, até uma investigação aprofundada sobre o porquê de determinados fatos ou fenômenos, por vezes de natureza mais complexa. Devido a isso, a importância do ato de pesquisar cresce à medida que outros elementos surgem, como: a finalidade de se realizar uma pesquisa; o porquê de levar adiante tal estudo; quem pesquisou o tema em questão anteriormente e quais os resultados obtidos; de que maneira foram realizadas as etapas do estudo para se chegar a um resultado; que abordagem foi escolhida para analisar e entender os resultados obtidos e, ainda, que utilidades tais resultados trarão para a sociedade.

Esses questionamentos, encadeados em uma sequência aparentemente rígida e imutável, apenas demonstram a complexidade do ato de pesquisar e seus diversos desdobramentos. Em outras palavras, pesquisas em nível acadêmico exigem do pesquisador certo grau de objetividade

e imparcialidade que vão além de uma busca por uma receita de bolo, por exemplo, em uma página da *internet*.

Desse modo, as pesquisas variam de acordo com sua finalidade e seu contexto – que poderá ser tanto um laboratório farmacêutico como uma comunidade indígena afastada de grandes centros urbanos, por exemplo. No entanto, por mais diferentes que possam ser, todas as pesquisas possuem algo em comum: a busca por conhecer, entender e solucionar uma dúvida ou questionamento. O ato de pesquisar, portanto, pode ocorrer em diferentes espaços e, por isso, requer métodos e procedimentos específicos. Neste manual, será abordada basicamente a pesquisa em ambiente acadêmico, destacando os seus diferentes tipos e expondo as aplicações voltadas especialmente para a Educação a distância (Ead).

Para se realizar qualquer pesquisa, é necessário partir de uma questão que norteará todo o percurso investigativo a ser empreendido; por isso, tal problema pode ser apresentado em forma de pergunta. Esse procedimento é um passo decisivo, pois permite fazer um recorte da área de interesse da pesquisa, ou seja, do tema proposto pelo pesquisador.

Assim, partindo da delimitação genérica do que se pretende pesquisar é possível chegar à especificidade do

porquê, como e quando realizar cada etapa do estudo. Portanto, antes de tudo, é importante definir o tema da pesquisa para, em seguida, desenvolver as suas etapas seguintes – sendo uma delas formular um questionamento em busca de respostas ou soluções.

Não por acaso, muitas pessoas questionam se tais caminhos garantem, de fato, uma abordagem científica. Para além da necessidade de uma visão mais objetiva sobre o tema, é igualmente importante que o pesquisador possua uma experiência que lhe indique se o objeto da pesquisa realmente possui um valor científico ou atende às exigências do meio acadêmico.

Dessa forma, a experiência e a intuição do pesquisador poderão ajudá-lo não apenas a formular questões científicas, como também compreender o porquê de determinados fenômenos naturais, humanos e sociais. Aliás, isso não é uma característica de apenas alguns poucos iluminados, visto que toda e qualquer pessoa – lendo, observando e questionando-se – poderá chegar a uma pergunta que a ajudará a compreender um aspecto da realidade.

Nesse sentido, é fundamental que o pesquisador conheça e avalie suas limitações – evidentemente, não apenas do



ponto de vista pessoal, mas também em termos de recursos disponíveis – antes de iniciar qualquer pesquisa. Vale ressaltar, pois, que nem toda pesquisa é de fato exequível ou que nem todo recorte de um tema pode ser alcançado.

Além disso, certas pesquisas podem requerer mais tempo e recursos do que o pesquisador tem à disposição. Portanto, o problema de pesquisa deve, ao mesmo tempo, possibilitar um caminho viável e adequar-se ao rigor teórico e metodológico necessário para alcançar um resultado final satisfatório e, principalmente, com valor científico.

### 3. O PROBLEMA DE PESQUISA

A partir de um tema definido e de seu recorte, chega-se ao problema, elemento que fará com que a pesquisa se desenvolva. Conforme visto na seção anterior, um problema de pesquisa deve ter como suporte um questionamento, cujo valor científico será avaliado a partir do que se pretende observar ou descobrir por meio dele. Assim, a sequência tema-problema delimita o que se deseja investigar.

Portanto, nem toda pergunta constitui um problema científico, ainda que o pesquisador possa considerá-lo como tal. Nesse sentido, Gil (2002, p. 24) observa que a determinação da natureza científica de um problema “envolve variáveis que podem ser tidas como testáveis” – argumento também referendado por Köche (2012, p. 106), quando este afirma que “um problema de investigação delimitado expressa a possível relação que possa haver entre, no mínimo, duas variáveis conhecidas”.

Isso mostra, portanto, que um problema de natureza científica deve apresentar uma relação entre as chamadas variáveis, ou seja, entre as propriedades ou características



específicas de um dado fenômeno. Como exemplo, observe-se o seguinte questionamento: “Como fazer para aumentar o nível de aprendizado de crianças em estado de desnutrição?”

Nessa pergunta, a presença do termo “como” limita a noção de cientificidade ao indicar apenas quais procedimentos podem ser feitos para alcançar um determinado resultado. A esse tipo de questionamento, Gil (2002, p. 24) denomina de “problema de engenharia”, ou seja, propõe-se uma série ou um conjunto de meios para se fazer algo de modo eficiente sem que haja, de fato, uma investigação em que se busque entender, descrever ou interpretar, sob um determinado foco, os elementos-chave que movimentarão toda a pesquisa.

Assim, para o mesmo tema, poderia ser feita a seguinte questão: “Quais os possíveis efeitos da desnutrição em crianças em fase de letramento?”. Observe-se que, neste caso, não se mostra (ao menos claramente) uma posição definitiva sobre o tema; não se afirma, pois, que há uma relação clara entre desnutrição e crianças que estão em fase de letramento.

Em relação a isso, Laville e Dionne (1999) comentam sobre os diferentes ângulos por meio dos quais um mesmo tema pode ser abordado a partir de uma questão-problema,

destacando-se: o econômico, o social, o psicológico, o pedagógico, o histórico e o científico. Naturalmente, uma vez escolhido o foco para tratar o problema, também é definida que abordagem metodológica ou teórica norteará a pesquisa.

Dessa forma, ao propor uma questão problematizadora, é importante que o pesquisador já tenha em mente respostas prováveis para tal questionamento. Evidentemente, até chegar a um resultado, o pesquisador terá feito ou inferido algumas respostas; tais respostas, trazidas de imediato após a pergunta, são chamadas de hipóteses.

No caso da pergunta feita anteriormente, acerca dos “possíveis efeitos da desnutrição em crianças em fase de letramento”, algumas hipóteses também poderiam ser levantadas. A mais comum, talvez, seja a de que um nível de nutrição muito baixo pode provocar uma dificuldade maior de compreensão de determinados conteúdos. Mas, e se isso não for necessariamente uma verdade? E se a desnutrição não afetar tanto – ou de forma tão devastadora – a compreensão de conteúdos de aprendizado escolar?

Diante desses últimos questionamentos, é possível perceber o quanto as respostas hipotéticas podem auxiliar

no andamento de uma pesquisa, pois, se somente houvesse certezas, não existiriam tantas pessoas buscando compreender as coisas, desde a organização social das formigas até as explosões de estrelas no Universo.

É, portanto, devido à dúvida trazida pelo problema científico que é possível chegar às hipóteses. Estas, segundo Vergara (2006, p. 28), na verdade antecipam a resposta para um dado problema:

*Se este é formulado sob a forma de pergunta, a hipótese ou a suposição o são sob a forma de afirmação. A investigação é realizada de modo que se possa confirmar ou, ao contrário, refutar a hipótese, ou a suposição.*

A partir dessas definições, é possível concluir que a descoberta e o questionamento de aspectos da realidade e da vida não podem (e nem devem) ser feitos de modo aleatório, uma vez que é necessário certo rigor para obter-se uma resposta, a qual nem sempre é uma solução correta ou fundamentada para o problema.

Para Köche (2012, p. 109), as hipóteses devem:

- a) trazer sentenças diretas e declarativas, sem ambiguidades que possam dificultar o seu entendimento;
- b) ter uma clara relação entre as variáveis (um aspecto muito importante a ser observado na execução da própria pesquisa);
- c) ser verificáveis, ou seja, devem apresentar possibilidades de serem traduzidas “em consequências empíricas que possam ser submetidas a testes, contrastáveis com a realidade”.

Contudo, diante de tantas definições, pode surgir uma dúvida bastante comum entre estudantes ou pesquisadores iniciantes: existe pergunta sem hipótese?

Em resposta a essa questão, Gil (2002, p. 38) afirma que “todo procedimento de coleta de dados depende da formulação prévia de uma hipótese”. No entanto, o mesmo autor observa que nem sempre as hipóteses não são evidentes, o que por vezes acarreta a noção equivocada de que elas podem ser desnecessárias. Diante dessas questões, ele assim explica as diferenças entre uma hipótese evidente e outra, implícita:

*[...] em algumas pesquisas, as hipóteses são implícitas e em outras são formalmente expressas. Geralmente, naqueles estudos em que o objetivo é o de descrever determinado*

*fenômeno ou as características de um grupo, as hipóteses não são enunciadas formalmente. Nesses casos, as hipóteses envolvem uma única variável e o mais frequente é indicá-la no enunciado dos objetivos da pesquisa (GIL, 2002, p. 38).*

Desse modo, nas pesquisas que têm como objetivo verificar relações de associação ou dependência entre variáveis, a enunciação clara e precisa das hipóteses constitui requisito fundamental. Sob o impulso dessas respostas em busca de confirmação, é que todo o processo de pesquisa se desenvolve. No entanto, algo que se observa nas definições apresentadas até agora é que não há pergunta-problema sem relação de variáveis. Mas, o que seriam tais variáveis? Existe problema de pesquisa sem variáveis?

Do ponto de vista metodológico, não é possível existir um questionamento científico e, ao mesmo tempo problematizador, sem que haja pelo menos duas variáveis. Partindo desse pressuposto, nos itens seguintes serão apresentadas as principais características definidoras das chamadas variáveis.

## 4. VARIÁVEIS

Na definição de Apollinário (2004, p. 193), as variáveis são “conceitos ou construtos que podem assumir diferentes valores. Aspectos, propriedades ou fatores acerca da realidade cujo conteúdo pode variar”. De modo semelhante, Köche (2012, p. 112) conceitua as variáveis como

*características individuais ou fatores, mensuráveis ou potencialmente mensuráveis, através dos diferentes valores que assumem, discerníveis em um objeto de estudo, para testar a relação enunciada em uma proposição.*

Em outras palavras, é possível afirmar que uma variável é tudo aquilo que varia a partir de uma característica que se deseja observar.

No caso da questão-problema apresentada anteriormente, uma das variáveis pode ser, por exemplo, a faixa etária das crianças em fase de letramento. Assim, o primeiro ponto que pode ser observado é se ela possui relação ou não com o problema que se deseja investigar, ou seja, se ela constitui um fator relevante a ser observado na pesquisa. Se a resposta for afirmativa, significa que a faixa etária representa uma variável importante a ser observada.

Partindo do conceito de Apollinário (2004), essa variável (faixa etária) corresponde a um conceito que sofre (ou pode sofrer) variações. Assim, é possível escolher idades de 7 a 9 anos ou de 6 a 10 anos, lembrando que a escolha da faixa etária se relaciona também a outro conceito (ou variável): o letramento.

Além disso, outra variável possível de ser observada é a do gênero. Serão estudadas apenas crianças do gênero feminino, do gênero masculino ou dos dois? Essa definição é fundamental, pois, a partir dela, é possível estabelecer relações entre variáveis que poderão enriquecer a análise. Portanto, em uma pesquisa, a escolha das variáveis é tão importante quanto a definição de uma pergunta-problema e a criação de hipóteses, pois é por meio delas que os resultados poderão ser analisados.

Para além das definições já apresentadas, as variáveis também podem ser classificadas em diferentes categorias, conforme os critérios adotados. A seguir, serão apresentadas sucintamente as categorias de variáveis mais frequentes.

## 4.1 VARIÁVEL INDEPENDENTE

Segundo Apollinário (2004, p. 196), essa variável “pode ser manipulada pelo pesquisador, a fim de avaliar os efeitos causados sobre outra variável (chamada de variável dependente)”. Partindo da pergunta-problema apresentada anteriormente, a variável “criança desnutrida” é a independente.

## 4.2 VARIÁVEL DEPENDENTE

É a variável que traz um valor dependente em relação a outra variável (independente) (APOLLINÁRIO, 2004). É muito comum que essa seja a variável manipulada pelo pesquisador em seus estudos.

No exemplo dado, se a variável independente é “criança desnutrida”, as dependentes seriam “faixa etária” e “gênero” e, por ter tal dependência, elas são fundamentais na observação do que se deseja pesquisar.



### 4.3 VARIÁVEL CONTROLE

É o tipo de variável que poderia interferir na variável dependente, mas que é manipulada para que seja neutralizada e, assim, não interfira na relação entre as variáveis independente e dependente (KÖCHE, 2012). Para Apollinário (2004, p. 194), “utilizam-se as variáveis controle para neutralizar efeitos que não são o principal interesse do estudo, mas que podem afetar as outras variáveis estudadas”.

No nosso exemplo, o nível de nutrição pode ser controlado a fim de se evitar que ele afete as demais. Assim, uma vez definido um valor para identificar a nutrição, tem-se uma variável que poderá ajudar a entender as relações entre as demais sem que aquela intervenha diretamente sobre estas.

### 4.4 VARIÁVEL INTERVENIENTE

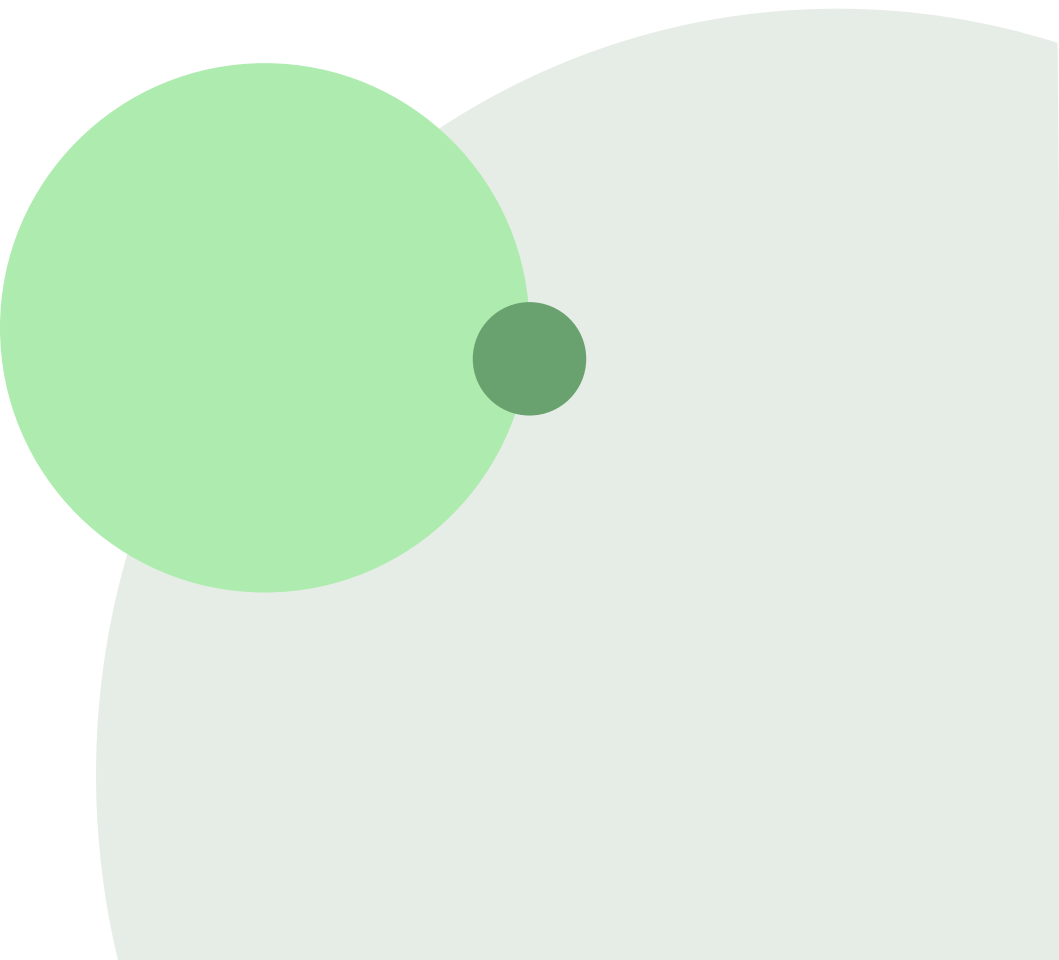
Segundo Köche (2012, p. 114), essa variável é aquela que “teoricamente afeta o fenômeno observado, ainda que esse fator não possa ser manipulado ou medido”. Para Apollinário (2004), mesmo não sendo observada diretamente

numa pesquisa, a existência desse tipo de variável pode ser inferida a partir da relação entre outras duas variáveis.

Um exemplo que poderia ser apontado como variável interveniente é a possibilidade de haver níveis elevados de mortalidade entre crianças com baixa nutrição.



# Tipos de pesquisa



## 5. TIPOS DE PESQUISA

Variados são os tipos de pesquisa e como eles são classificados. Devido a essa variação, cada pesquisador define seu objeto de estudo levando em consideração os objetivos da pesquisa e como ele pretende alcançá-los. Desse modo, ainda durante a definição do problema deve-se pensar a qual tipo de pesquisa tal estudo pertence.

Um aspecto importante a ser observado é que não existe um consenso quanto às classificações de pesquisas por parte dos autores de Metodologia Científica. Devido a isso, enquanto alguns definem certo número de modos de pesquisar sob categorias determinadas, outros as acrescentam (ou as retiram) e as deslocam para outras classificações. Neste livro, procurou-se fazer um painel o mais amplo possível a respeito de tais classificações.

Neste capítulo, serão apresentados os diferentes tipos de pesquisa, tendo como base os seus respectivos critérios de classificação: quanto à sua natureza; quanto à temporalidade; quanto aos objetivos e conforme os procedimentos de coleta.

## 5.1 QUANTO À NATUREZA

Apollinário (2004) apresenta dois tipos de pesquisa quanto à sua natureza: de um lado, a chamada qualitativa; de outro, a quantitativa. Ambas são fundamentais na escrita da metodologia em um projeto, pois mostram quais os direcionamentos que o estudo tomará em sua feitura.

Segundo ele, a pesquisa qualitativa “lida com fenômenos: prevê a análise hermenêutica dos dados coletados” (APOLLINÁRIO, 2004, p. 151). Para Gonsalves (2003, p. 68), esse tipo de pesquisa possibilita tanto a compreensão como a interpretação do fenômeno, “considerando o significado que os outros dão às suas práticas, o que impõe ao pesquisador uma abordagem hermenêutica”.

Portanto, numa pesquisa de cunho qualitativo, a interpretação do pesquisador apresenta uma importância fundamental. Afinal, não se trata apenas de um conjunto de informações fechadas cujo valor numérico é o único aspecto a ser levado em consideração, devido à própria natureza do fenômeno investigado.

Assim, enquanto a pesquisa de natureza qualitativa lida com fenômenos, Apollinário (2004) afirma que a de cunho

quantitativo lida com fatos. Nesse tipo de pesquisa, portanto, as variáveis devem ser rigorosamente determinadas e sua mensuração já deve estar pressuposta pelo próprio método, partindo de uma análise quase sempre mediada por algum critério matemático.

Nesse sentido, os conhecimentos de Estatística são importantes por parte do pesquisador ou de alguém do grupo que faz a pesquisa. Hoje, há pelo menos duas ferramentas largamente utilizadas para a construção de banco de dados para cada um desses tipos de pesquisa: o *NVivo*, por exemplo, é uma ótima ferramenta para registro e cruzamento de informações em pesquisas qualitativas, enquanto o *SPSS*, um software aplicativo (programa de computador) do tipo científico, apresenta uma excelente configuração para criação de espaços para variáveis (com seus respectivos valores numéricos) e seu cruzamento, a depender dos objetivos da investigação.

## 5.2 QUANTO À TEMPORALIDADE

Há estudos que exigem procedimentos cuja sequência no tempo é importante para se chegar aos objetivos propostos.

Assim, se um estudo deseja, por exemplo, observar o desenvolvimento linguístico em crianças, ele pode ser realizado de forma longitudinal ou transversal, a depender do que se pretende investigar.

Na definição de Apollinário (2004, p. 151), um estudo longitudinal “avalia a mesma variável, num mesmo grupo de sujeitos, com duas ou mais mensurações dessas variáveis ao longo de um período de tempo”. Considerando o exemplo dado no capítulo anterior, uma possibilidade seria investigar a variável *idade* na aquisição de verbos em crianças de 16 a 18 meses.

Nesse caso, duas variáveis (idade e aquisição de verbos) seriam consideradas no processo de desenvolvimento da linguagem em crianças, de tal maneira que estas pudessem ser observadas em um dado período de tempo, sob o controle do pesquisador. O caráter longitudinal apresenta-se na análise do antes, durante e depois vivido pelas crianças ao longo do tempo, determinado a partir das relações entre as variáveis definidas.

De modo distinto, um estudo transversal “avalia a mesma variável numa única mensuração, em grupos diferentes de sujeitos” (APOLLINÁRIO, 2004, p. 151). Tomando o

mesmo exemplo das crianças, o objetivo seria observar as transformações ao longo de um período temporal dado, mas investigar as mesmas variáveis em diferentes grupos de crianças, com idades diferentes em um mesmo momento.

Nesse caso, é como se fossem divididos grupos com crianças de 16, 17 e 18 meses e para cada um deles fossem apresentados os mesmos instrumentos para análise posterior. Desse modo, ao invés de se observar, no mesmo grupo, suas mudanças sob os efeitos do tempo, seriam investigadas as mesmas variáveis em diferentes grupos, porém num tempo único.

### 5.3 QUANTO AOS OBJETIVOS

Uma das possibilidades de classificar os tipos de uma pesquisa é observar os seus objetivos. Partindo desse critério, há três tipos: descritivas, explicativas e exploratórias.

Segundo Gil (2002, p. 41), a pesquisa de cunho descritivo é aquela que busca fazer “a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou [...] o estabelecimento de relações entre variáveis”. Nesse tipo de pesquisa, é comum haver estudos que visam fazer um



levantamento de determinadas características de um grupo, observar as opiniões e as crenças de uma determinada parte da população ou relacionar determinadas variáveis, como quando se busca entender se há influência da variação de localização de moradia de grupos sociais na sua preferência partidária.

Como observa Gonsalves (2003, p. 65), “nesse caso, a pesquisa não está interessada no porquê, nas fontes do fenômeno; preocupa-se em apresentar suas características”. Devido a isso, tal tipo de pesquisa é muito solicitada por partidos políticos ou instituições educacionais (GIL, 2002).

Ainda de acordo com Gil (2002, p. 41), a pesquisa explicativa

*é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas. Por isso mesmo, é o tipo mais complexo e delicado, já que o risco de cometer erros aumenta consideravelmente.*

Para ele, esse tipo de pesquisa é muito comum nas chamadas Ciências Naturais, em que se usa o método experimental – cujos critérios de seleção de amostra, controle de variáveis e análise dos dados são bastante rígidos e exigem muito cuidado.

Para Gonsalves (2003, p. 65), a pesquisa exploratória:

*é aquela que se caracteriza pelo desenvolvimento e esclarecimento de ideias, com objetivo de fornecer uma visão panorâmica, uma primeira aproximação a um determinado fenômeno que é pouco explorado. Esse tipo de pesquisa também é denominada “pesquisa de base”, pois oferece dados elementares que dão suporte para a realização de estudos mais aprofundados sobre o tema.*

Tal tipo de pesquisa ajuda o pesquisador a compreender ou aprimorar o conhecimento sobre um determinado assunto, de modo que, após o seu término, seus resultados possam levar a outras pesquisas com novas abordagens. Devido a isso, uma pesquisa de cunho exploratório é muito comum quando se faz um estudo bibliográfico.

No que se refere à classificação da pesquisa quanto aos objetivos, Gonsalves (2003) aponta ainda a existência de um quarto tipo, incluindo a chamada “pesquisa experimental”. Esta, segundo ele, pode ser definida como “aquela que se refere a um fenômeno que é reproduzido de forma controlada, submetendo os fatos à experimentação (verificação), buscando, a partir daí, evidenciar as relações entre os fatos e as teorias” (GONSALVES, 2003, p. 66).

A partir de tal definição, fica claro que essa pesquisa, como o próprio nome sugere, requer condições de coleta e análise dos dados bastante rígidas, o que evidencia sua aproximação com a pesquisa explicativa.

## 6. TIPOS DE PESQUISA CONFORME OS PROCEDIMENTOS DE COLETA

Se a classificação anterior dos tipos de pesquisa permite definir os objetivos que se pretende alcançar, os aspectos práticos de um estudo podem ser mais claramente observados a partir dos procedimentos de coleta adotados na pesquisa.

Esses procedimentos é o que alguns pesquisadores chamam de desenho (*design*) ou, simplesmente, delineamento, que se refere ao modo como se planeja e como irá ser realizada a investigação. Dessa forma, é possível separar o delineamento de uma pesquisa em dois tipos: os que usam como fonte trabalhos escritos, as “fontes de papel”, e os que tratam de dados fornecidos por pessoas.

A partir dessa dicotomia, portanto, pode-se definir cada tipo de pesquisa conforme os procedimentos de coleta, a saber: bibliográfica e documental (que utilizam fontes textuais, dos mais diversos gêneros); experimental; de levantamento; de estudo de coorte; de estudo de caso; participante e a pesquisa-ação. Nas páginas seguintes, serão apresentadas cada uma delas.

## 6.1 BIBLIOGRÁFICA

Utiliza fontes bibliográficas ou material elaborado, como livros, publicações periódicas, artigos científicos, impressos diversos ou, ainda, textos extraídos da *internet*. Vergara (2006, p. 48) afirma que esse tipo “fornece instrumental analítico para qualquer outro tipo de pesquisa, mas também pode esgotar-se em si mesma”. Isso equivale a dizer que uma pesquisa dessa natureza pode anteceder outra, mais descritiva ou explicativa, valendo-se de um aprofundamento na área (ou no tema) que se deseja pesquisar.

Dalberio e Dalberio (2009) destacam que esse tipo de pesquisa tem a vantagem de possibilitar, sem muitos custos, o acesso do pesquisador a uma amplitude de fontes. Porém, esses autores alertam que “o pesquisador deve tomar cuidado com a fidedignidade e validade científica das informações [sob o risco de] incorrer em possíveis incoerências e contradições causadas por material de baixa credibilidade” (DALBERIO e DALBERIO, 2009, p. 167). Esse tipo de material tanto pode ser impresso como acessado pela *internet*

Para se evitar isso, é importante que o pesquisador se certifique de que as fontes à sua disposição são de fato

confiáveis, por meio da observação e da análise de estudos que usaram das mesmas fontes.

## 6.2 DOCUMENTAL

Embora este tipo de pesquisa seja semelhante à bibliográfica, difere dela por fazer uso de materiais ainda não estudados. Devido a isso, o pesquisador tem a vantagem de ir direto à fonte, sem que haja a possibilidade de reproduzir um erro ou uma análise precipitada, como pode ocorrer na bibliográfica.

Para Gil (2002, p. 46), essa pesquisa é muito comum em estudos que buscam explorar informações em documentos públicos, presentes em bibliotecas ou arquivos, além de “cartas pessoais, diários, fotografias, gravações, memorandos, regulamentos, ofícios, boletins, etc.”.

## 6.3 EXPERIMENTAL

Esta pesquisa, segundo Gonsalves (2003, p. 66),

*é aquela que se refere a um fenômeno que é reproduzido de forma controlada, submetendo os fatos à experimentação (verificação), buscando, a partir daí, evidenciar as relações entre os fatos e as teorias.*

Alguns pesquisadores consideram este tipo de pesquisa como a mais científica dentre todas, não apenas por apresentar as características mencionadas anteriormente, mas também por tomar como base uma estrutura que busca observar (com muito cuidado e controle) as relações entre variáveis. Como destaca Vergara (2006, p. 48), neste tipo de estudo “o pesquisador manipula e controla variáveis independentes e observa as variáveis dependentes”.

No entanto, ainda que tal pesquisa utilize estratégias específicas de estudo, isso não torna os demais tipos menos importantes em relação àquilo que elas buscam apresentar como resultado, uma vez que o delineamento de uma pesquisa depende de como o pesquisador quer observar os elementos que seu problema traz.

Apesar de muitos estudiosos associarem esse tipo de pesquisa ao laboratório, não há uma obrigatoriedade para que ela aconteça em um deles, como observa Gil (2002). Para esse autor, o mais importante é se observarem os seguintes elementos, fundamentais quando se trata de um trabalho experimental:

*a) Manipulação: o pesquisador precisa fazer alguma coisa para manipular pelo menos uma das características dos elementos estudados;*

b) *Controle*: o pesquisador precisa introduzir um ou mais controles na situação experimental, sobretudo criando um grupo de controle;

c) *Distribuição Aleatória*: a designação dos elementos para participar dos grupos experimentais e de controle deve ser feita aleatoriamente (GIL, 2002, p. 48).

Em que pese esse tipo de pesquisa trazer dados muito fiéis quanto às informações coletadas diante das relações entre variáveis, ela apresenta limitações, dadas ora pela própria dificuldade de se controlarem certas variáveis, ora por ela esbarrar em questões éticas, uma vez que nenhuma pessoa (como sujeito da pesquisa) pode ser submetida a condições de risco à vida.

Assim, percebe-se que cada tipo de pesquisa possui vantagens e limitações, restando ao pesquisador, na definição de seu delineamento, escolher qual tipo melhor se adéqua ao que ele pretende investigar.

#### 6.4 DE LEVANTAMENTO

É o tipo de pesquisa que visa investigar algo que se pretende conhecer de uma determinada população. Nessa modalidade de pesquisa, define-se um problema e, a



partir dele, criam-se meios de gerar informações (como um questionário, por exemplo) para – após a coleta e a análise dos dados – se chegar às conclusões.

Normalmente, esse tipo de pesquisa utiliza uma amostra da população (cujo número é dado por cálculo estatístico) a fim de obter-se uma quantidade de informantes (amostragem) próxima de uma margem de acerto e longe da de erro. O cálculo da amostra deve ser muito cuidadoso, pois, em uma pesquisa como essa, não se consegue investigar a totalidade absoluta da população.

Devido a isso, apenas grandes institutos ou empresas podem realizar uma pesquisa dessa natureza, considerando os custos para se realizar um estudo com populações muito grandes e ainda alcançar resultados efetivamente verdadeiros.

Gil (2002, p. 51) enumera vantagens e desvantagens de uma pesquisa de levantamento. Entre as vantagens, ele destaca:

*a) Conhecimento direto da realidade: à medida que as próprias pessoas informam acerca de seu comportamento, crenças e opiniões, a investigação torna-se mais livre de interpretações calcadas no subjetivismo dos pesquisadores;*

*b) Economia e rapidez: desde que se tenha uma equipe de entrevistadores, codificadores e tabuladores devidamente treinados, torna-se*

*possível a obtenção de grande quantidade de dados em curto espaço de tempo. Quando os dados são obtidos mediante questionários, os custos tornam-se relativamente baixos.*

*c) Quantificação: os dados obtidos mediante levantamento podem ser agrupados em tabelas, possibilitando sua análise estatística. [...] À medida que os levantamentos se valem de amostras probabilísticas, torna-se possível até mesmo conhecer a margem de erro dos resultados obtidos.*

Já entre as desvantagens, esse autor enfatiza a forma muito estática que tal procedimento pode ter, uma vez que ele não leva em consideração a dinâmica social na qual os sujeitos estão envolvidos. Além disso, geralmente resulta em um dado numérico que pode apenas indicar um aspecto da informação sem, no entanto, se aprofundar muito no problema.

## 6.5 ESTUDO DE COORTE

Este é o tipo de pesquisa em que se constitui uma amostra (a partir de um grupo de pessoas) “a ser acompanhada por certo período de tempo, para se observar e analisar o que acontece com elas” (GIL, 2002, p. 50).

Este autor classifica dois tipos de estudo de coorte: o prospectivo e o retrospectivo. Segundo ele, enquanto o

primeiro tipo é elaborado no presente, com previsão de acompanhamento determinado, conforme o objeto de estudo; o segundo parte de registros feitos no passado até o presente.

No estudo prospectivo, a principal vantagem é a de propiciar um planejamento cuidadoso, conferindo um rigor científico que o aproxima do delineamento experimental. Já no retrospectivo, a realização da pesquisa somente é possível se houver um registro anterior do que pretende pesquisar.

Em ambos os casos, deve-se sempre formar um grupo controle para o grupo experimental a ser observado. De acordo com o cronograma definido (e a partir do método de observação utilizado), será possível chegar a um determinado resultado, analisando-se o que houve com um e o que não houve com o outro grupo.

Contudo, uma das críticas feitas a esse método de estudo deve-se ao fato de que ele não tem critério de seleção aleatória de sujeitos – até porque, se isso acontecesse, não seria mais um estudo de coorte. Outra limitação apontada é a de que pesquisas com esse tipo de abordagem exigem uma amostra grande para ser representativa, o que exigiria um investimento financeiro alto para executá-la.

## 6.6 ESTUDO DE CASO

É o tipo de pesquisa cujo procedimento volta-se para um caso específico com o objetivo de conhecer suas causas de modo abrangente e completo. Devido a isso, por muito tempo, alguns estudiosos não viam tal tipo de pesquisa de modo positivo por considerá-la muito generalista, uma vez que, ao estudar um caso em específico, não seria muito confiável definir se este serviria para entender e explicar os demais.

Diante desse impasse, Yin (2001) afirma que hoje, porém, o estudo de caso tem sido considerado o delineamento mais adequado para a investigação de um fenômeno contemporâneo em seu contexto real, em que os limites entre os fenômenos e o contexto nem sempre são percebidos claramente. Assim, a realização de um estudo de caso é justificável “se o caso se constituir em um evento raro ou exclusivo ou se servir a um propósito revelador” (YIN, 2001, p. 67).

## 6.7 PESQUISA-AÇÃO

É o tipo de pesquisa que se caracteriza pela relação entre pesquisadores e sujeitos que buscam resolver, ou entender, um problema determinado por meio de ações diretas. Por esse motivo, Vergara (2006, p. 49) define-a como “um tipo particular de pesquisa participante e de pesquisa aplicada que supõe intervenção participativa na realidade social”.

Barros e Lehfeld (2007, p. 92) destacam os seguintes aspectos na estratégia metodológica da pesquisa-ação:

- a) existe interação efetiva entre pesquisadores e pesquisados;*
- b) o objeto de estudo é constituído pela situação social e por problemas de diferentes naturezas;*
- c) a pesquisa-ação volta-se para a resolução e/ou esclarecimento da problemática observada;*
- d) a pesquisa não fica em um simples nível de ativismo, mas o objetivo de aumentar o conhecimento dos pesquisadores e o nível de consciência das pessoas e grupos considerados.*

Como essa é uma pesquisa que rompe a fronteira entre a observação distante do pesquisador e os atos dos grupos com os quais ela se vincula para sua realização, muitos estudiosos não a veem com valor científico, criticando especificamente sua pouca “objetividade”.

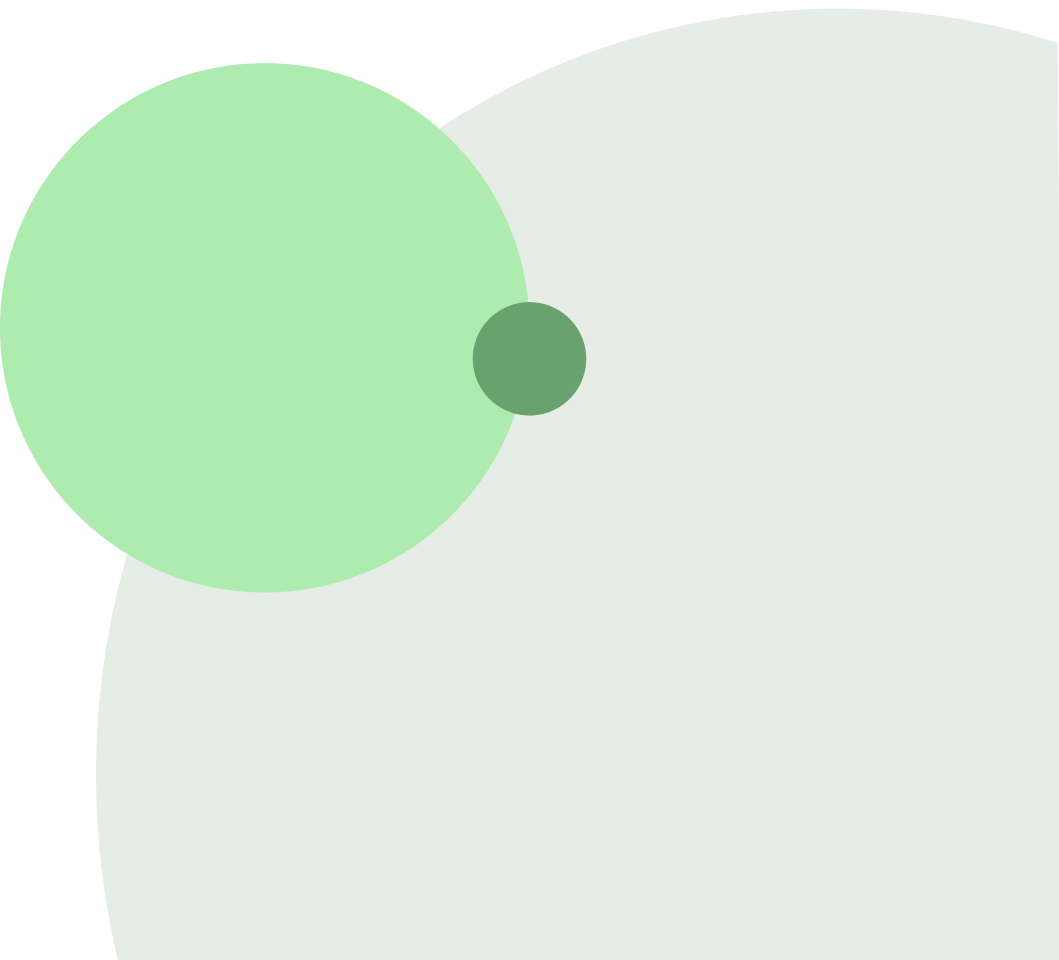
## 6.8 PARTICIPANTE

Diversos autores não fazem distinção entre a pesquisa-ação e a pesquisa participante. No entanto, alguns estudiosos estabelecem limites entre elas.

Para Thiollent (1986, p. 07), enquanto a primeira “supõe uma forma de ação planejada, de caráter social, educacional, técnico ou outro”, a segunda valoriza não somente a participação direta dos sujeitos (numa clara oposição aos métodos mais objetivos e científicos em seu modo mais tradicional), mas privilegia aquilo que eles produzem em seus discursos.



0 projeto  
de pesquisa



## 7. O PROJETO DE PESQUISA

Por se tratar de uma atividade que tem como bases a racionalidade e a organização, o ato de pesquisar exige o planejamento de ações que serão desenvolvidas ao longo de um dado tempo. Como suporte básico, é imprescindível a estruturação de um projeto de pesquisa.

Além da definição do problema, das hipóteses e das variáveis a serem observadas, um projeto de pesquisa – independente da abordagem teórica e da metodologia a serem utilizadas – é composto por elementos que, juntos, devem ter relação com cada uma das suas partes. Tais partes são: objetivos (geral e específicos), justificativa, fundamentação teórica, metodologia, cronograma e referências.

Há pesquisadores que, para tornar seu trabalho mais completo e bem estruturado, preferem fazer uma introdução ou apresentação, o que equivale a um pequeno texto no qual se apresenta o tema a ser pesquisado de modo mais amplo até chegar ao problema formulado.

Nesse tipo de apresentação, é comum já se colocar a justificativa, o que a faz ser, evidentemente, prescindível nas



partes seguintes. Neste capítulo, serão apresentados de maneira sucinta os elementos habitualmente requeridos em um projeto de pesquisa.

## 7.1 PARTES DO PROJETO

Por vezes, a instituição, o órgão financiador ou o programa de pós-graduação definem um modelo de projeto a ser seguido pelo proponente. Nestes casos, pode haver algumas especificações que cada programa exige, mas, em linhas gerais, há uma estrutura comum ao texto de um projeto de pesquisa. As subseções seguintes tratarão de descrever essas partes.

### 7.1.1 OBJETIVOS

Os objetivos têm uma grande importância na escrita de um projeto, pois é por meio deles que se busca responder à pergunta: para que pesquisar? Assim, eles têm uma relação direta com a pergunta-problema, sendo esta consequência deles, especificamente do objetivo geral – que, por sua vez, desdobra-se nos objetivos específicos.

Nesse sentido, Minayo (2010) afirma que a formulação

dos objetivos permite responder ao que é pretendido com a pesquisa, ou seja, que propósitos o pesquisador espera alcançar ao término da investigação. Dessa forma, “é fundamental que estes objetivos sejam possíveis de serem atingidos” (MINAYO, 2010, p. 44). Gonsalves (2003, p. 56), por sua vez, define mais didaticamente o objetivo, descrevendo-o como “o que você pretende atingir com a sua pesquisa e não o que você vai fazer para atingi-lo”.

Seja como for, para se estruturar mais claramente um objetivo geral, deve ser feita uma retomada do problema que norteia a pesquisa. É, portanto, por meio desse retorno que se transforma uma pergunta em um objetivo geral, não esquecendo que qualquer objetivo deve ser exequível, ou seja, não pode haver objetivo sem possibilidades de sua realização.

Desse modo, todo objetivo deve ser iniciado por um verbo no infinitivo em sua enunciação, o qual deve conter as variáveis previamente expostas na questão-problema. Além disso, o objetivo deve ser claro, direto e sintético; em outras palavras, deve ser de fácil entendimento e compreensão.

Ainda assim, há pesquisadores que encontram dificuldade em seguir essas orientações, especialmente na

hora de enunciar os objetivos. Uma sugestão é trocar os eventuais verbos que aparecem no meio do enunciado por um substantivo equivalente, como no exemplo a seguir:

**Observar o uso frequente que pode ocorrer de pessoas que utilizam bebidas alcoólicas em situações de crise.**



**Observar os níveis de ocorrência no uso de bebidas alcoólicas em sujeitos numa situação de crise.**

Há verbos que podem ser usados para deixar mais clara a intenção que o pesquisador tem em construir seus objetivos. A escolha destes verbos deve obedecer, portanto, ao que ele quer realizar com sua investigação. Assim, é muito comum serem usados verbos como: *apontar, deduzir, demonstrar, discutir e interpretar*; ou ainda: *analisar, aplicar, compor, construir, desenvolver, estruturar, medir, selecionar, organizar*, entre outros, a depender do delineamento e do tipo de pesquisa.

A escolha dos verbos de cada objetivo (como os listados acima) é muito importante, pois tais verbos servem também

para indicar os estágios da pesquisa e devem, portanto, se adequar aos objetivos que se têm para realizar a investigação. Sendo assim, para se chegar aos objetivos específicos, devemos antes definir com clareza o objetivo geral; neste caso, a escolha da ação expressa pelo verbo diz muito sobre o que se quer e como vai ser feita a pesquisa.

Gonsalves (2003, p. 57) afirma que esse objetivo deve trazer aquilo que se quer atingir com a pesquisa, uma vez que esse é “um objetivo mais amplo, a questão principal da pesquisa”.

Voltando à questão-problema, formulada no capítulo 4 deste estudo (“*Quais os possíveis efeitos da desnutrição em crianças em fase de letramento?*”), podemos formular o seguinte objetivo geral:

**Analisar os possíveis efeitos da desnutrição em crianças em fase de letramento.**

É importante salientar que do problema como pergunta ao enunciado como objetivo geral, preservaram-se as variáveis que serão observadas, mantendo o verbo (*analisar*) em sua forma infinitiva.

Uma vez definido o objetivo geral, devemos formular

os chamados objetivos específicos. Uma dúvida comum é: “Qual a quantidade de objetivos dessa natureza deve ser feita?” A resposta é simples: a quantidade de objetivos específicos deve ser definida pela relação entre o que se deseja observar e a possibilidade de tais observações serem, de fato, realizadas, seja devido ao tempo, seja devido aos limites que a própria pesquisa impõe.

Gonsalves (2003, p. 57) define tais objetivos como “secundários, [...] relacionados à questão principal [os quais] definem aspectos mais específicos, que contribuem para alcançar o objetivo geral”. Ou seja, não há como criar uma série de objetivos específicos separados do geral, uma vez que eles são o seu desdobramento (MINAYO, 2010).

Partindo de nosso objetivo geral acima criado, podemos desdobrá-lo partindo do que queremos observar nele. Assim, temos como objetivos específicos:

- *observar os níveis de desnutrição em crianças na fase de letramento;*
- *investigar as respostas de crianças com baixos índices de nutrição em exercícios de letramento;*
- *comparar as respostas de crianças com baixos índices de nutrição com as respostas de crianças de mesma*

*faixa etária com bons índices de nutrição;*

*- analisar as possíveis influências da baixa nutrição no aprendizado de crianças pouco nutridas.*

Diante desses objetivos, podemos considerar alguns pontos importantes. Um deles é que cada ação expressa num verbo deve anteceder a outra, isto é, não podemos construir objetivos dessa natureza de modo aleatório. Outro ponto a se destacar é que cada objetivo obedece a uma etapa da pesquisa que deve ser minuciosamente descrita no método, corroborando com o que Minayo (2010, p. 45) afirma, que tais objetivos “serão o guia para a escolha e construção dos métodos e instrumentos. Espera-se que o desenho metodológico viabilize a realização de cada um dos objetivos”.

### 7.1.2 JUSTIFICATIVA

Toda justificativa busca responder à seguinte pergunta: por quê? Por causa disso, sempre que definimos nosso problema e falamos sobre ele a alguém, essa questão é inevitável. Sua resposta, a depender do tema e do problema,

nos faz pensar em argumentos que, como o próprio nome já diz, a justifiquem. É como se fôssemos vender um objeto bastante caro quando há outros iguais de pouco valor: precisamos, então, encontrar razões suficientes para fazer o nosso interlocutor acreditar que nossa pesquisa (o nosso objeto caro) tem valor.

Minayo (2010) demonstra três maneiras de se justificar a realização de uma pesquisa: a de ordem teórica, a de ordem prática e a de ordem pessoal. A primeira se refere ao valor científico que tal pesquisa pode trazer para a área pesquisada enquanto a segunda se refere à sua influência (direta ou indireta) no meio social.

É como se, nos referindo ao nosso problema e aos nossos objetivos, buscássemos mostrar, em poucas linhas, o quanto será importante fazer uma pesquisa sobre a influência da desnutrição em crianças em fase de letramento, pois isso poderá trazer novas informações para diversas áreas (pedagógicas, psicológicas e biológicas) além de indicar possíveis meios de se resolver esse problema, algo que não buscamos ao longo das etapas do estudo.

A questão de ordem pessoal, como o nome já nos faz supor, se refere às escolhas pessoais do pesquisador para

realizar seu estudo. Nesse caso, é importante tomarmos cuidado com os limites que o próprio texto impõe, evitando que se personalize muito algo que nos exige distanciamento.

Diante dessa parte do projeto, Gonsalves (2003, p. 60) nos chama a atenção para alguns pontos:

*Lembre-se que a justificativa não é outra revisão bibliográfica. No geral, ela não apresenta citações de outros autores. Apesar de tratar de razões de ordem teórica, seu objetivo não é o de registrar todo o referencial teórico adotado, mas, sim, de sublinhar a importância daquela investigação no debate teórico.*

Diante de tais considerações, é importante frisar que, nessa parte do projeto, usemos de parcimônia, ou seja, evitemos escrever demais, mas nos apeguemos àquilo que desde o início já se faz presente no ato de justificar e que é a pergunta do porquê.

### 7.1.3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA (REVISÃO BIBLIOGRÁFICA OU REVISÃO DE LITERATURA)

Não há pesquisa sem uma teoria que a norteie. Assim, é natural que, desde a escolha do tema, já se pense qual teórico nos dará base para analisar o que problematizamos. A definição da teoria, muitas vezes, nos dá a segurança



necessária para ter uma boa análise, etapa crucial do encerramento da pesquisa.

É por isso que muitos orientadores são rigorosos no levantamento de textos e na escrita dessa parte do projeto, pois uma fundamentação teórica bem escrita pode compor tranquilamente uma parte do relatório que descreverá todas as etapas do estudo até seus resultados, análises, interpretações e considerações finais. Essas últimas etapas, mesmo fora do projeto, já se fazem supostas desde o início e estarão presentes no produto final de toda pesquisa: o artigo científico.

Diante de tudo isso, já percebemos o quanto devemos ser criteriosos na escolha de quem vai compor nossa fundamentação teórica. Nesse momento, o papel do orientador é primordial, mas, na falta dele, podemos usar de nossa intuição e experiência (aspectos mostrados desde o início deste estudo). Tanto uma quanto a outra nos ajudam a entender que nem sempre a teoria mais conhecida pode ser a mais importante para nossa pesquisa e, às vezes, há algo novo demonstrado por outros pesquisadores que poderão nos levar a novos caminhos.

Para se ter uma boa Fundamentação Teórica, se faz

necessário fazer a chamada Revisão Bibliográfica, o que, para alguns, também é chamada de Revisão de Literatura. Laville e Dionne (1999, p. 112) trazem uma definição longa, mas bastante esclarecedora sobre essa etapa da pesquisa, a qual diz que, ao fazer tal ação, devemos:

*[...] revisar todos os trabalhos disponíveis, objetivando selecionar tudo o que possa servir em sua pesquisa. Nela tenta encontrar essencialmente os saberes e as pesquisas relacionadas com sua questão; deles se serve para alimentar seus conhecimentos, afinar suas perspectivas teóricas, precisar e objetivar seu aparelho conceitual. Aproveita para tornar ainda mais conscientes e articuladas suas intenções e, desse modo, vendo como outros procederam em suas pesquisas, vislumbrar sua própria maneira de fazê-lo.*

O meio mais comum para se fazer uma Revisão Bibliográfica são os artigos e os livros e, em um modo mais específico, seus capítulos. Nessa etapa, reafirmamos aqui o papel do orientador como fundamental, pois ele é quem, supostamente, tem os meios e o conhecimento mais apropriados para sugerir o que devemos, ou não, ler.

Isso, no entanto, não nos exime da tarefa de também pesquisarmos por nós mesmos, uma vez que uma pesquisa é uma experiência partilhada com quem indica se estamos no

caminho certo (o orientador) e por nós como pesquisadores em construção.

Assim, existem outras vias de acesso às informações que nos darão base para nossa Fundamentação Teórica, a saber: resenhas, dissertações, teses, jornais, dicionários de áreas específicas e documentos históricos. O bom senso nos pede que usemos a internet com bastante cuidado, pois nem tudo o que ali se apresenta como científico tem tal valor. Afinal, nem toda enciclopédia virtual serve como suporte teórico confiável.

#### 7.1.4 A PESQUISA NA INTERNET

Na própria internet existem plataformas de busca feitas especialmente para quem quer obter revisões dessa natureza. Tais plataformas, na maioria das vezes, se dividem por áreas, temas ou títulos e suas ferramentas de busca são bastante flexíveis aos nomes que ali colocamos.

Há, pelo menos, duas dessas plataformas bastante usadas por pesquisadores. Uma delas pode ser acessada pelo seguinte endereço: [www.scielo.br](http://www.scielo.br). Outra pode ser acessada por [www-periodicos-capes-gov-br.ez21.periodicos.capes](http://www-periodicos-capes-gov-br.ez21.periodicos.capes).

[gov.br](http://gov.br). Essas duas plataformas, se não são únicas, certamente trazem bastantes textos que nos ajudam a enriquecer nossa pesquisa sem que se perca sua qualidade.

Feita a Revisão de Literatura, teremos um conjunto de textos (capítulos, artigos e livros) que nos serão úteis. Como não se pode usar tudo, devemos fazer uma seleção do que, de fato, pode ajudar a compreender e explicar nosso problema.

Nessa etapa, o nosso bom-senso e a nossa capacidade de entender o que está mais próximo do que desejamos estudar contam muito, mas, bom que se diga de novo, o orientador será fundamental para, como no dito popular, separar o joio do trigo e que nós aqui redefinimos como separar o muito importante do que é não tão importante assim para nossa pesquisa.

Na escrita de nossa fundamentação teórica, já feitos a leitura e o fichamento de cada texto, não há um número definido de páginas, pois isso se dará tanto por quem nos solicita o projeto ou por nosso orientador. Se ambos não definem limites, a liberdade de escolha nos será dada pela quantidade de informações que queremos colocar nessa parte do projeto e que, de fato, nos ajudará a compreender a questão que levantamos e as hipóteses que criamos.

De tudo isso, uma coisa é certa: não há texto de outrem sem uma citação, seja ela direta ou indireta ou dita por alguém que nossa fonte cita. Seguir cuidadosamente suas regras estabelece o limite de deixar claro ao nosso leitor aquilo que escrevemos e aquilo que utilizamos para nos dar força argumentativa.

Usar de outros meios pode nos rebaixar intelectualmente e nos provocar sérios problemas dentro e fora dos meios acadêmico e científico. É o caso do plágio, algo que infelizmente está muito presente no ambiente acadêmico e que consiste em assinar ou apresentar uma obra intelectual de qualquer natureza contendo partes de uma obra que pertença a outra pessoa sem colocar os créditos para o autor original.

Portanto, sempre estejam atentos às regras de citação.

#### 7.1.5 METODOLOGIA

A Metodologia é uma das partes do projeto de pesquisa que mais se deve ter cuidado e atenção em sua escrita, pois é através dela que se conhecem os procedimentos e abordagens que serão usados no momento de realização do

estudo em si. Diante disso, nada deve ficar fora da descrição do autor do projeto, desde a qual tipo de pesquisa o estudo se filia até às etapas para a sua realização.

Lembre-se que quem vai ler seu texto pode não estar ao seu lado (normalmente não está) e, caso haja alguma passagem pouco clara, a totalidade de seu método ficará comprometida e, conseqüentemente, não se saberá como você fará seu estudo.

Segundo Minayo (2010, p. 46), a Metodologia “mais que uma descrição formal dos métodos e técnicas a serem utilizados, indica as conexões e a leitura operacional que o pesquisador fez do quadro teórico e de seus objetos de estudo”. Para essa autora, cada objetivo específico deve ser minuciosamente descrito na Metodologia, o que nos faz concluir que um projeto é um texto cujas partes se entrelaçam e uma remete à outra: o problema que leva ao objetivo geral, que gera os objetivos específicos, os quais, por sua vez, são descritos no método.

Essa parte da escrita do projeto deve trazer três elementos complementares e fundamentais: o tipo de pesquisa ao qual o projeto está vinculado, a abordagem teórica que será usada para a etapa da análise e os procedimentos a serem feitos

para se chegar aos objetivos propostos.

Os procedimentos equivalem a um momento do texto em que se descreve, com mínimos e obsessivos detalhes, como serão feitos os passos para se realizar a pesquisa. Nessa etapa, deve se informar sobre onde ocorrerá a pesquisa, quantos sujeitos participarão dela, qual ou quais instrumento(s) será ou serão usados e como se dará para aplicá-los.

Como forma de tornar o texto mais organizado, pode-se também criar pequenas seções as quais devem ser divididas de acordo com o tópico a ser destacado. Assim, há quem escreva as partes acima descritas num parágrafo e, em seguida, coloque o item “Procedimentos” em outro, com uma marcação de um número que o indica como subtópico.

Isso torna o texto da Metodologia mais organizado e é possível visualizar a diferença entre sua introdução (em que se situa o delineamento da pesquisa), o foco teórico a ser utilizado, os aspectos gerais da pesquisa (onde, com quem e quantos sujeitos) e os procedimentos, indicando o “como” com os detalhes que assim o exigem.

Outro aspecto fundamental nessa parte do projeto é que devem ser indicados que meios serão usados para se fazer um banco de dados, caso seja necessário, o que pode

ocorrer em pesquisas qualitativas e quantitativas. Em ambos os tipos de pesquisa, tanto pode haver o uso de suportes como o *NVivo* (para pesquisa quali) ou o *SPSS* (para a quanti), já comentados acima.

Se a pesquisa envolver seres humanos ou animais, isso deve constar no texto do projeto (mais especificamente na seção da Metodologia que trata dos procedimentos). O projeto deve ser registrado na plataforma *Sisnepe* e, em seguida, após a criação de uma Folha de Rosto (que deve ser impressa), deve ser enviado a um Comitê de Ética em Pesquisa com Humanos e Animais para sua avaliação e aprovação. Somente depois da aprovação pelo Comitê de Ética é que a pesquisa poderá ser realizada.

A linguagem utilizada nessa parte do projeto deve ser objetiva, com pouco ou nenhum sentido conotativo (figurado). Portanto, não é interessante o uso de metáforas, pois isso pode trazer uma quebra no rigor que um texto científico exige. As comparações, por vezes, são necessárias, mas elas não devem ser tomadas por nossa imaginação criadora a ponto de se deslocar do foco que é apresentar as partes de nosso projeto.

Assim como os Objetivos, a Justificativa e a



Fundamentação Teórica têm características bem definidas de sua escrita (a impessoalidade é uma delas, como um fato pressuposto), a Metodologia apresenta uma particularidade distintiva: os verbos utilizados em sua produção devem ser divididos entre os tempos presente e futuro.

Na apresentação da Metodologia, é importante colocarmos os verbos no sentido do agora (presente), pois na introdução do texto se localiza a qual abordagem ou tipo aquele estudo se relaciona. No entanto, quando se descrevem os procedimentos, os verbos devem, obrigatoriamente, ser colocados no futuro, pois esse é o momento em que se expõe como se dará a pesquisa ao longo dos meses seguintes.

#### 7.1.6 CRONOGRAMA

É a parte do projeto em que se deve colocar cada etapa da pesquisa de acordo com o tempo determinado para que ela seja realizada. É comum que se faça uma tabela para definir a cronologia do desenvolvimento da pesquisa. Cada etapa pode corresponder a um período, como um mês, por exemplo, mas nunca deve se ultrapassar o período definido para o início, o meio e o fim do estudo.

No quadro a seguir pode ser visualizado o modelo de um cronograma. É evidente que sua elaboração deve ser feita de acordo com o delineamento da pesquisa e de quantas etapas são necessárias para realizá-la.

#### MODELO DE CRONOGRAMA DE PESQUISA

Etapas/Mês	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro
Revisão Bibliográfica	X	X	X			
Elaboração dos instrumentos		X				
Aplicação dos instrumentos/Coleta de dados			X	X		
Análise e interpretação dos resultados					X	
Elaboração do relatório						X

#### 7.1.1.7 REFERÊNCIAS

Segundo Köche (2012, p. 147), as Referências Bibliográficas são “o conjunto padronizado dos elementos descritivos que permitem a identificação, no todo ou em parte, das fontes citadas no texto”. A partir dessa definição, observamos que tudo o que for citado no corpo do projeto como base para nossas argumentações deve ser colocado na seção das Referências (ANDRADE, 2009).

## 7.2 PARTES COMPLEMENTARES

Outras partes que podem estar no projeto são: o orçamento, os apêndices ou os anexos. No caso de haver gastos previstos ao longo da pesquisa, deve ser feito um quadro onde se colocam, de forma descritiva e direta, os itens a serem usados e seu valor somado por sua quantidade.

Assim, por exemplo, se serão feitas viagens a um determinado local, solicita-se que, no quadro orçamentário, se coloque o valor das passagens de ida-e-volta individualmente e, em outro quadro, se coloque o valor delas, multiplicado pela quantidade de vezes em que se farão tais viagens.

Ao final do quadro, devem ser somados todos os valores para se chegar a um resultado. É importante salientar que essa parte só entra no projeto se for solicitado algum tipo de financiamento a alguma agência de fomento. Caso contrário, ele não se faz obrigatório.

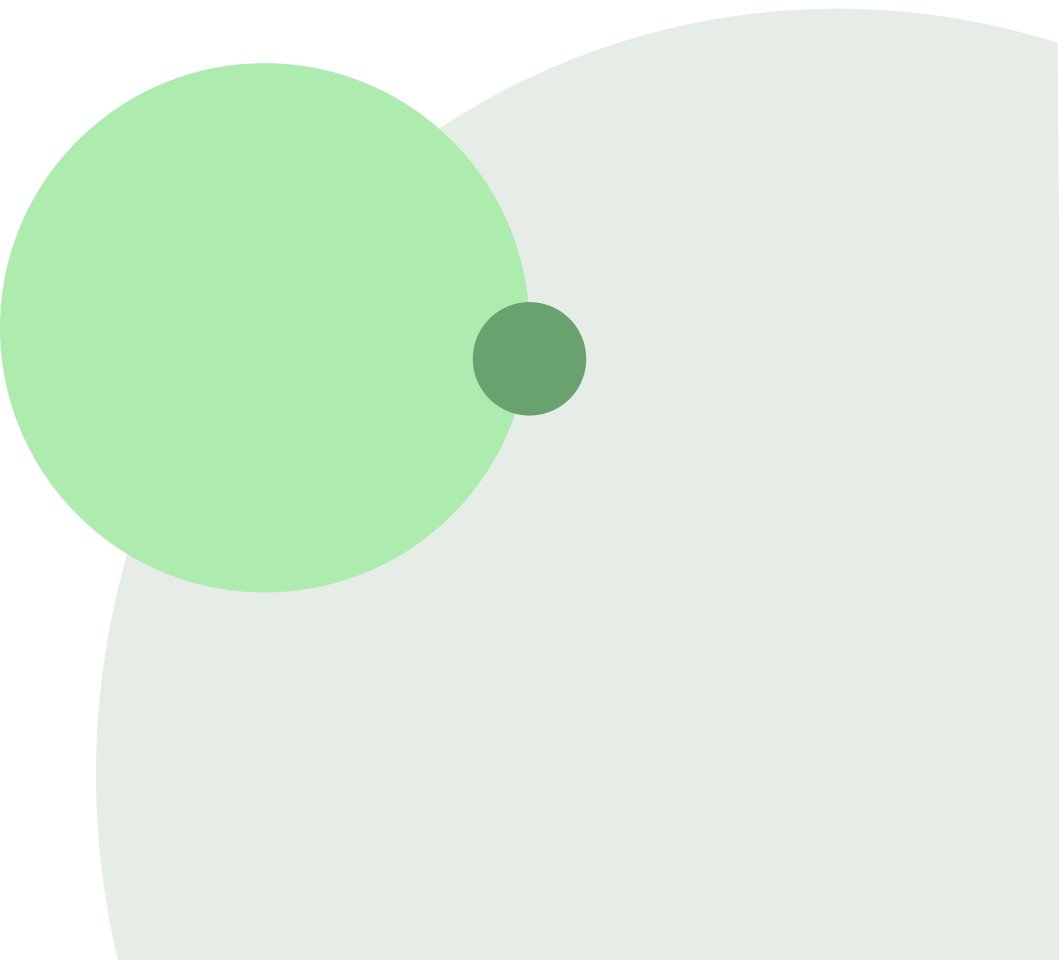
De acordo com Andrade (2009, p. 82), o apêndice traz “documentos da autoria de quem redigiu o trabalho, tais como entrevistas, questionários, resumos e tabelas, fotografias ou qualquer outro tipo de documentos ou ilustração”. Entra aqui também o TCLE (Termo de Consentimento Livre e

Esclarecido), caso a pesquisa envolva humanos.

Para essa autora, o anexo deve trazer “documentos que não são da autoria de quem redigiu o trabalho, ou seja: estatutos, transcrições de leis, gráficos, tabelas, estatísticas (de autoria alheia), recortes de jornais e revistas” (ANDRADE, 2009, p. 82).



# Modelo de projeto de pesquisa



## 8. AS REGRAS DA ESTRUTURA DO TEXTO DE UM PROJETO DE PESQUISA

Os textos acadêmicos devem seguir padrões estruturais comuns em sua escrita, a fim de haver uma formatação igual para todos os gêneros textuais (Resenhas, Relatórios e outros). Por tratarmos aqui apenas do projeto de pesquisa, iremos comentar sobre as recomendações no uso das regras estruturais da escrita nesse tipo de texto, lembrando que elas valem para outros de uso no meio acadêmico (como os citados acima).

### 8.1 AS MARGENS

O texto deve ser digitado em modelo papel tamanho A4 (21cm x 29,7cm) e as margens variam de tamanho entre as bordas laterais e as bordas de cima e de baixo. Devido a isso, é importante observar que a margem esquerda sempre será maior que a direita (com 3cm e 2cm, respectivamente) assim como a borda superior deverá ter 3cm e a inferior 2cm.

Atualmente, é recomendado digitar (e fazer a impressão) no anverso e no verso das páginas (apenas a

partir da parte textual). Devido a isso, as margens variam de tamanho. No anverso, vale a estrutura descrita no primeiro parágrafo desta subseção; no verso, porém, a margem esquerda deverá ter 2cm enquanto a direita deve ter 3cm; ainda no verso da página, as margens superior e inferior permanecem as mesmas do anverso: deverão ter 3cm acima e 2cm abaixo.

## 8.2 O TAMANHO E A COR DA FONTE

A fonte varia de tamanho de acordo com o que se faz no texto. No corpo da parte escrita, há casos específicos que exigem uma fonte menor. O padrão recomendado é o tamanho 12 para o corpo textual, mas, a depender da especificação, ela pode ser reduzida: citações com mais de 3 linhas, notas de rodapé, páginas e textos de legendas para imagens ou gráficos.

É importante destacar que não se define especificamente um número para o tamanho da fonte, mas o bom senso pede que seja usada aquela que não comprometa a leitura e não se destaque tanto em relação ao que se recomenda (o tamanho 12); neste caso, o uso comum é o tamanho 10. O

tamanho maior que 12 pode ser usado na parte pré-textual (Capa, Folha de rosto e Resumo); neste caso, recomenda-se tamanho 14.

A cor recomendada na escrita de textos é a preta, mas aceitam-se outras cores, desde que usadas em partes específicas (como ilustrações); ainda assim, padronizar o texto apenas com a cor preta (ou usar apenas uma cor alternativa para todas as ilustrações) torna-o mais elegante.

### 8.3 ESPACEJAMENTO

Textos com espaço simples são mais difíceis de ler, pois as sequências frasais se sobrepõem sem intervalos e exigem mais atenção do leitor. Devido a isso, recomenda-se usar o espaço de 1.5 entre as linhas. O espaço simples deve ser usado em partes específicas do texto, como: notas de rodapé, citações com mais de 3 linhas, referências (espaço simples também entre a referência de uma obra e outra). Na parte pré-textual, recomenda-se o uso do espaço simples no texto descritivo do trabalho (na Folha de rosto).



## 8.4 PAGINAÇÃO E NÚMEROS DAS SEÇÕES

Ocorrem muitas dúvidas sobre a partir de onde se devem contar as páginas de um trabalho acadêmico e a partir de onde elas devem ser numeradas. A confusão se dá porque não se enumeram todas as páginas contadas, havendo, portanto, uma diferença entre a quantidade e os números que se mostram.

A contagem das páginas de um trabalho acadêmico começa ainda em sua parte pré-textual, após a Capa e a partir da Folha de rosto. No entanto, o número da página só aparece na primeira parte onde ocorre o texto do trabalho. Não se usa numeral romano, mas arábico, e toda numeração fica no lado superior direito da página do anverso. No verso da página, a numeração fica no lado superior esquerdo.

Cada seção do trabalho deve ser numerada de modo gradativo, mas há algumas especificações a ser seguidas. Uma delas é a de que cada seção deve receber o número e, em seguida, ao seu lado, o título separado por um espaço; ou seja, não é recomendado o uso de barra (hífen) entre o número e o título da seção.

Cada seção deve receber também algum destaque, sendo

o mais comum o negrito; uma vez escolhido qual destaque dar, ele será o mesmo para todo o trabalho, inclusive no Sumário. Além disso, cada seção abre a página, ficando na parte superior. As subseções, por sua vez, não são grifadas, seguem a numeração da seção a qual ela está ligada e não abrem a página, uma vez que é uma sequência.



## 9. A PESQUISA NO ENSINO A DISTÂNCIA

O ensino a distância (Ead) possibilitou ampliar os meios de estudo e eliminou fronteiras físicas entre o estudante e o local onde se estuda. Neste caso, esse local passa a ser um espaço virtual repleto de possibilidades que redefiniram o conceito do ensino-aprendizagem.

Dada sua amplitude, o ensino a distância propicia que a interação entre professor e aluno passe por diferentes meios. Ao professor, cabe explorar estes meios de modo dinâmico, através de vídeoaulas, chats, textos digitalizados ou conversas por webcam. Nestes casos, as duas partes do processo (docente e discente) precisam atuar de modo conjunto para que os resultados gerem conhecimento, algo, inclusive, exigido também no ensino presencial.

No campo da pesquisa, o Ead faz uso do que a tecnologia dispõe em sua imensa quantidade de meios. Se as distâncias inexistem, o acesso à pesquisa se limita apenas a ter uma boa conexão de internet e um bom senso apurado para separar o que é válido ou não naquilo que pesquisamos. Neste caso, vale ter não só o conhecimento empírico como também a

visão crítica, critérios exigidos para um pesquisador.

O excesso de informações que a tecnologia nos traz exige mais refinamento da parte do aluno-pesquisador e o seu orientador ganha mais relevo neste momento, ao ajudar nessa separação daquilo que é, de fato, importante para o que se deseja investigar.

Deste modo, os procedimentos e as considerações para se realizar uma pesquisa em Ead não se diferenciam dos que fazem parte do ensino presencial, mas exigem mais perspicácia e dedicação do aluno. Tal exigência corresponde ao discente encontrar boas fontes de pesquisa no espaço virtual e saber separar aquilo que tem base científica do que é um estudo impressionista.

O orientador, neste momento, assim como em outros, tem um importante papel, pois é ele quem deve indicar, sugerir boas fontes do espaço virtual que podem servir de base teórica e referências para o projeto e futuro trabalho. Ao lado disso, o aluno também pode desenvolver sua habilidade de investigador, explorando temas, autores e trabalhos de relevância e valor científico.

A vantagem do acesso ao mundo virtual dá essa facilidade de muitas informações, mas cobra um olhar mais

apurado de quem faz a pesquisa. Além disso, o aluno do Ead pode conciliar a pesquisa no espaço virtual com os trabalhos impressos (encontrados em bibliotecas institucionais em forma de livros, TCCs, dissertações e teses), caso ele more em um lugar que lhe possibilite essas obras.

Essa é uma das maiores vantagens do ensino a distância e que melhor o representam, pois, muitas vezes, por razões diversas, não se tem acesso fácil a acervos impressos, mas que estão disponíveis em sites de universidades ou revistas eletrônicas. Os chamados repositórios de instituições de ensino trazem teses e outros trabalhos que podem ser acessados ou solicitados, além de seus periódicos mostrarem conexão direta ao seu conteúdo.

Somam-se a esses meios, sites de pesquisa on-line, como o Google, que apresenta uma ferramenta mais específica, o Google acadêmico, e outros, hospedados através de links em páginas de universidades. As chances de se encontrarem trabalhos com maior qualidade aumentam quando se faz pesquisa em revistas ou instituições de maior relevância. Porém, nada impede de se encontrarem artigos bem avaliados em meios menos especializados; nestes casos, contam o olhar crítico do pesquisador, olhar este que pode ser desenvolvido

através da prática ou das sugestões do orientador.

É importante observar que cada área de estudo traz um conjunto de textos ou de referências variadas e, por vezes, muito específicas. Devido a isso, nem sempre se encontram publicações disponíveis em sites de pesquisa mais ampla (como o já citado Google).

Abaixo, seguem alguns endereços eletrônicos que fazem buscas mais gerais, como:

- <http://www.virtuallrc.com> - este site faz buscas personalizadas, de acordo com o tema/área;
- <http://www.wolframalpha.com/tour/> - este site responde a perguntas e encontra links de temas diversos;
- <http://academic.research.microsoft.com> - site de pesquisa da Microsoft que possui muitas publicações, com imagens e gráficos.

Por vezes, algumas áreas trazem ferramentas de pesquisa que refinam a qualidade e a relevância dos textos. Abaixo, seguem alguns sites que podem ser úteis em uma pesquisa e que foram desenvolvidos exclusivamente para as áreas às quais eles são ligados:

Línguas e Linguagem

<https://www.ethnologue.com>

Economia e negócios

<http://repec.org>

<https://www.aeaweb.org/econlit/>

História

<http://www.americanhistoryonline.org/home>

<https://sourcebooks.fordham.edu/halsall/ancient/asbook.asp>

<http://www.digitalhistory.uh.edu>

Ciências sociais

<http://anthropology.org.uk>

<https://www.ssrn.com/en/>

<http://www.sociosite.net>

Psicologia

<https://www.cambridge.org/core/journals/behavioral-and-brain-sciences#>

<http://www.psycline.org>

<http://www.psychology.org>

Ciências

<https://worldwidescience.org>

<http://cds.cern.ch>

<https://www.science.gov>

Matemática e Tecnologia

<http://www.mathguide.de>

<http://www.theiet.org/resources/inspec/>

<https://liinwww.ira.uka.de/bibliography/>

No processo de pesquisa e execução do trabalho (desde o projeto até o texto final), o orientador deve estar presente, mesmo que resida em regiões distantes de seus orientandos. No caso do ensino a distância, as possibilidades comunicativas são inúmeras e propiciam um contato mais dinâmico, pois diversos são os meios possíveis para haver troca de ideias, sugestões e revisões.

Os meios mais comuns são os chamados aplicativos ou programas de comunicação direta, como Facetime ou Skype em que a interação face a face ajuda bastante no processo interativo e torna possível haver orientação a qualquer hora ou lugar. Isso também vale para apresentações de trabalho ou defesas de TCC, dissertações ou teses, bastando para tanto uma conexão com boa velocidade e um aceite de todos os envolvidos na cerimônia.



Concluindo...

O ato de pesquisar não só gera conhecimento, mas transforma nossa visão de mundo e como passamos a nos relacionar com a realidade. É importante lembrarmos que, em quaisquer áreas (exatas, humanas ou saúde) há temas importantes e que nos instigam a compreender melhor aquilo que eles trazem como problemas a serem investigados. Neste sentido, não há área nem tema mais importante do que outro, pois se a realidade é ampla e diversa, igualmente são os meios de compreendê-la.

Um pesquisador iniciante ou pouco experiente pode se sentir inseguro no início, mas deve ser persistente e acreditar em si e no seu trabalho. Na maioria das vezes, o orientador tem um papel fundamental para auxiliar nesta etapa de pesquisador iniciante. No entanto, na falta dele, deve se buscar ler e se informar sobre como fazer uma pesquisa e ter sempre presente a dúvida, a curiosidade e o desejo de conhecer. Atualmente, muitos são os meios para isso, sobretudo através da internet e do ensino a distância.

Então, exploremos estes meios e façamos pesquisas!

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. M. de. Introdução à metodologia do trabalho científico. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

APOLLINÁRIO, F. Dicionário de metodologia científica: um guia para a Produção do Conhecimento científico. São Paulo: Atlas, 2004.

BARROS, A. J. P.; LEHFELD, N. A. S. Fundamentos de metodologia científica. 3. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

DALBERIO, O.; DALBERIO, M. C. B. Metodologia científica: desafios e caminhos. São Paulo: Paulus, 2009.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONSALVES, E. P. Iniciação à pesquisa científica. 3. ed. Campinas: Alínea, 2003.

KÖCHE, J. C. Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artes Médicas Sul; Belo Horizonte: UFMG, 1999.

MINAYO, M. C. S. (Org.) Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

THIOLLENT, M. Metodologia da pesquisa-ação. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1986 (Temas básicos de Pesquisa-ação).

UNIVASF. Sistema Integrado de Bibliotecas (SIBI). Manual de normalização de trabalhos acadêmicos da Univasf. 3 ed. Petrolina, 2016.

VERGARA, S. C. Projetos e relatórios de pesquisa em Administração. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

YIN, R. K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

Este livro tem o objetivo de apresentar aspectos teóricos e práticos da pesquisa científica que auxiliem estudantes e profissionais da modalidade de ensino Educação a Distância (EAD) a desenvolver trabalhos de investigação, de acordo com os princípios e procedimentos empregados para a pesquisa e a formulação de uma produção científica.